

MEMÓRIA E CIDADANIA CULTURAL: “PARA EU VER COMO EU SOU E COMO EU SOU COM AS OUTRAS PESSOAS.”¹”

Nancy Alessio Magalhães
Dayane Augusta dos Santos Silva
Edymara Diniz Costa

Entre as ações realizadas no projeto de pesquisa e extensão “Abrigos da memória na região de Brasília” foram interpretados por este ensaio os impactos de processos históricos e culturais nesta cidade, na “recriação” de identidades de trabalhadores e trabalhadoras, entre elas, costureiras ambulantes, assim como de estudantes angolanos na Universidade de Brasília (UnB). Foram utilizados os recursos da história oral e da fotografia para registrar e ampliar relações sociais nos processos de construção da memória e dos poderes, que emergem a partir das interações construídas entre os pesquisadores e os entrevistados e entrevistadas. Através do diálogo entre essas oralidades/fotos, pode-se criar outras versões da história, movimentando identidades, negociando interesses e projetos de (re)apropriação de tempos e espaços.

Neste ensaio, objetiva-se relatar experiências desenvolvidas no planejamento, na organização e na participação na oficina “Memória e Cidadania Cultural”, apresentada na VIII Semana de Extensão², pela equipe do projeto de pesquisa e de ação contínua, que é apoiado pelo Decanato de Extensão da UnB. Com este evento, procuramos promover interação entre produção de conhecimento e conquista da cidadania, buscando a ampliação de percepções e concepções acerca de diversas culturas, transmitidas por meio da oralidade e da expressão corporal.

Além da equipe do projeto, a atividade apresentada na semana de extensão contou com a presença de oito alunos de graduação e pós-graduação da UnB e de 11 jovens quilombolas remanescentes, moradores da comunidade Kalunga do município de Cavalcante Goiás³. Presença esta que foi crucial nos diálogos entabulados no transcorrer desta já referida atividade.

Realizar essa oficina foi uma oportunidade para cotejar materiais constituídos e constituintes de experiências, memórias e imaginários de estudantes angolanos e angolanas e de trabalhadores e trabalhadoras em Brasília, já registrados nesse projeto de ação contínua, em audiovisual e por escrito. Durante o período de planejamento, foram realizadas reuniões com o objetivo de debater e selecionar, entre os registros captados, aqueles que potencialmente pudessem viabilizar processos de elaboração narrativa e composição dramática em geral, pelos participantes dessa oficina. Essas narrativas seriam e são encaradas como instrumento de sensibilização desses participantes, a partir de leitura de textos e relatos de vida e de análise de imagens e cenas de ação contidas em materiais gerados no projeto.

Neste sentido, discutimos também a eventual possibilidade de registro de atividades nessa oficina, através de audiovisuais. Deste modo, as dramatizações encenadas na parte final da mesma foram gravadas com câmera e máquina digitais, sendo as gravações condicionadas à cessão de direitos pelos que as apresentaram.

O aquecimento corporal, a sensibilização e a composição dramática de cenas formam todo um processo pensado na perspectiva de se perceber como a memória seria acionada, à medida que houvesse identificação ou não com o material trabalhado.

Como uma dessas atividades iniciais, propôs-se, então, um aquecimento através de jogos de improvisação. Caminhando pelo espaço da sala destinada a aulas práticas no Departamento de Artes Cênicas da UnB, cada participante se apresentou a outro, dizendo seu nome, de onde vinha e o que fazia. Em seguida, e em círculo, cada um cantou seu nome para os demais, como mais uma alternativa de se identificar e reconhecer o outro.

Depois disso, com o objetivo de trabalhar o foco, a atenção e a corporeidade dos participantes, foi realizado um exercício com bastões. Este mesmo recurso permitiu que fizéssemos associações como: bastão/coluna e vertebral/mastro. Com a intenção de dividi-los em grupos, conjuntos de participantes acompanhavam alguém que se oferecia para ser representante do conjunto agrupado. Esse grupo seguia dançando ao som musical de uma folia de reis e levantando um mastro, como se fosse uma bandeira, até encontrar um lugar apropriado para o início dos trabalhos com as narrativas a eles propostas por nossa equipe.

Foi pensando num movimento de memórias, como instrumento do cotidiano, que viabiliza espaços e acepções históricas de relações sociais, que selecionamos aqueles relatos orais já transcritos. Assim foram escolhidos cinco desses relatos, com temáticas diferenciadas, tanto uma entrevista recente com uma costureira ambulante, como os relatos roteirizados anteriormente na exposição “Memórias: estudantes angolanos na UnB” (VI Semana de Extensão/UnB, 2006) e os que fazem parte do livro “Memórias e Direitos: abrigos e moradas em Brasília”. (MAGALHÃES & SINOTI, 2001)

Pensando na socialização e na apresentação de contextos dessas dramatizações, dividimos os partici-

pantes em grupos, de maneira que eles pudessem relacionar as narrativas propostas com as diferentes concepções que os mesmos têm ao perceber e conceber os outros, num movimento contínuo de alteridades. Isto nos levou a perceber que “(...) um dos elementos mais essenciais para a consolidação da identidade é justamente o jogo dialético entre semelhança e diferença” (Apud BRANDÃO, 1986:32 in MAGALHÃES & LITWINCZIK, 2000:17), jogo este que muitas vezes pode subtender um diálogo em que haja conflitos em negociação.

A apresentação dessas dramatizações fez parte de situações imprevisíveis, do acaso, que nos trouxeram outras possibilidades para “re pensar” memórias, identidades e o conjunto de lutas por direitos que são travadas no cotidiano, como conteúdos de um diálogo entre saberes daqueles que pensam diferentes espaços, tempos e lugares.

Cada narrativa nos trouxe uma reflexão mais acurada sobre a ação e a importância da memória. Nessas apresentações, a memória de cada um pode garantir uma capacidade de projeção para pensar semelhanças, diferenças e sonhos, como dimensões de identidades múltiplas em constante elaboração destacadas pelos diversos sujeitos que atuam na *recriação* de diferentes projetos.

Em nossa proposta de pesquisa e extensão, a linguagem corporal é entendida como modo de expressar e “recriar” um outro mundo, configurando um outro sentido para a história. Esse processo depende da criação de um movimento intenso entre o eu e o outro, em que situações de similaridade e diferença abrem espaços para o retorno e a troca de saberes e conhecimentos, num movimento contínuo de transformação e de afirmação de identidade.

Nesse trabalho, tivemos a oportu-

nidade de perceber o movimento de identidade entre as memórias desses participantes e as de estudantes angolanos, registradas em relatos e fotografias. Em suas práticas cotidianas, ao serem estimulados e estimuladas por diálogos conosco e com os demais participantes no trabalho, que também é de pesquisa⁴, atualizam ausências pela rememoração (MATOS, 2001) Nesse vir-a-ser interativo, temos considerado, assim como os demais estudiosos, os estudantes de Angola, também como narradores/pensadores (MAGALHÃES, 2001/2002), que em suas experiências relacionais com lugares, personagens e temas (POLLACK, 1989:10-11) criam concepções e imagens que incluem temporalidades e espaços plurais, os quais podem ultrapassar os de sua terra natal. (MAGALHÃES, 2008)

Dois grupos dramatizaram dois temas da narrativa de Alexandra Aparício evocando e nos trazendo ao presente toda uma trama histórica de relações que não só acontece em Angola, mas que no seu tecido sugere fortes ligações culturais com a sociedade brasileira. Em seu relato, Alexandra diz:

“Tem, tem muitas feiras em Angola, existe inclusive a maior feira da África, que é chamada Roque Santeiro, e que tem esse nome devido à novela brasileira, que fez um sucesso enorme. É uma feira onde se vende de tudo; e quando é tudo, é tudo literalmente. Quer comprar! Quer comprar carne, roupa, comida, casa; quer fazer uma tocaia, quer mandar matar alguém, mandar dar uma surra... aquela feira tem de tudo. Eu não vou a Roque Santeiro há muitos anos. Existem várias outras feiras: há feirinhas pequeninas, elas vendem comida, porque na tradição africana de comida, vendem-se na feira os montinhos de tomate, de cebola e de não sei o que. Acho que isto existe em todos os países africanos. A história da África nos conta: feira era um encontro de pessoas onde se trocavam as novidades de regiões

diferentes. Trocar suas mercadorias. Trocar, trocar sal por peixe, gado por verdura; panos para vestir; saber notícias de uma terra e de outra. Foram o ponto de encontro e talvez, aí minha fascinação pelas feiras, porque nós, nas feiras, sabemos de tudo (...)"

Ao percebermos, por meio da linguagem cênica, falas e gestos na composição dramática da temática acima mencionada, surpreenderam-nos a criação artística e a dinâmica própria da apresentação do grupo que com ela se envolveu. Houve a instauração de espaços e temporalidades diferenciadas, conforme a memória seletiva de cada participante, que recuperou os movimentos da feira em diferentes situações, encontros e trocas.

Entre as dramatizações, foi nessa que se pensou na "reorganização" de modos específicos de se viver e de se relacionar em Angola com certa iniciativa, autonomia e criatividade, frente ao que, em geral, entendemos por cotidiano da feira na sociedade brasileira. Usando o recurso da encenação, foi possível se fazer uma nova interpretação desse cotidiano pela representação de correspondências, inclusive com situações de violência, (foto 1).

Em outras passagens dos testemunhos de Alexandra Aparício, resistências passadas silenciosamente são trazidas para o atual pela narrativa, que desperta cenas decisivas, relampejantes de experiências que carecem de ser comunicadas, que fazem parte, também, da história da humanidade e que entretecem espaços e lugares. É a figura da avó, que pelo legado em aberto do que ela tem ainda a transmitir no presente, parece aspirar por imortalidade. Ela e sua atitude instituidora do desejo de autonomia e independência, "ninguém sabia quando ia aparecer", estariam fadadas a desaparecer, se palavras e fotografias não 'cartografassem' experiências a partir de um tempo ausente, tornado presente pela linguagem.

"Eu nasci em Angola a 22 de maio de 1965. Quando eu era criança, como Angola era uma colônia de Portugal e Portugal não era um estado laico, além do fascismo, a religião era a católica, então no colégio nós tínhamos que rezar. Foi no colégio particular que eu fiz a primeira comunhão, crisma e tudo isso. Tem coisas que eu não lembro muito. As minhas duas avós já faleceram. A mãe do meu pai aparecia de vez



Foto 1 – Joelice, Dayane, Sônia e Cláudia. Brasília, 2008. Autora: Edymara Diniz Costa.

em quando e era uma figura tradicional de Luanda e era ao que se chamava... era conhecida como Bessangana, da etnia Quimbundo, hoje são identificadas como senhoras de idade, 70, 80 anos, acho que originárias da ilha de Luanda. Vestia à maneira tradicional, com panos. Não usava roupas européias e eu nunca soube muito bem que é que ela fazia. Ela andava pela cidade inteira, ia aos funerais. Hoje, depois de adulta, eu soube que ela era uma espécie de, como diria, mãe-de-santo talvez, que ela era chefe dos Calundus, e Calundus são espíritos. Nem sei qual era o Calundu dela. E então ela tinha que andar nos funerais das pessoas que eram do mesmo Calundu, e então ela tinha que fazer cerimônia, algumas meio públicas e outras já fechadas. Como eu não estava lá, minha irmã mais nova me contou que pôde assistir a determinados rituais, quando ela fazia, outros ela não pôde assistir. Por exemplo, minha irmã contou que o caixão não pode entrar de qualquer forma dentro da igreja, tem que ser numa determinada posição. São entoados uma série de cânticos, de rituais; as companheiras dela faziam alguns passos de dança e cantavam certas músicas. Isso foi o que minha irmã contou."

O grupo que se concentrou nesta temática, optou pela encenação de um funeral, tornando próxima a figura do avô, isto no caso de Evaleison, foi movimentando uma narrativa dramatizada com cântico religioso que evocava a importância ancestral desse personagem, ao mesmo tempo por semelhança e descontinuidade com a avó de Alexandra, pois os rituais não são os mesmos, (foto 2).



Foto 2 – Laís, Mariana e Evaleison. Brasília, 2008. Autora: Edymara Diniz Costa.

No momento da discussão final de todas as dramatizações, foram apresentadas as fotos da avó Madalena, de outra mulher angolana negra e de Alexandra, sem declarar os nomes dessas duas últimas. De imediato, a foto da avó foi identificada pela maioria, com a da mulher negra e não com a de Alexandra, o que sugere uma atitude cristalizada de identificação de nativos na África com a pele de cor negra, questão também abordada pela mesma Alexandra em sua entrevista a nós concedida, à qual os participantes só tiveram acesso no momento dessa oficina, (fotos 3 e 4).



Foto 3 - Madalena. Avó de Alexandra Aparício. Acervo de Alexandra



Foto 4 - Alexandra Aparício. Brasília, 2005. Autora: Nancy Alessio Magalhães

É pertinente acentuar que nem sempre ocorreu identificação por proximidade e semelhança. Houve uma situação em que o relato por nós proposto para dramatização provocou desconforto e expressões de olhares, trazendo à tona, perspectivas preconcebidas, formatadas por lugares comuns naturalizados, por rejeição e ou não aceitação para si e para seu grupo de referência das experiências narradas, como foi o caso de dona Fátima, costureira ambulante, também por nós entrevistada em 2008. Nesse caso, o grupo assumiu a mesma postura do homem, que no relato de Dona Fátima, imagina que ela estaria passando fome e, que por isso, estaria recolhendo comida do lixo para si e para seus filhos, (foto 5).



Foto 5 – Leonídio, Dalila e Fumiko. Brasília, 2008. Autora: Edymara Diniz Costa

Diz ela:

Então, a gente né, ganhou lote, quando chega, pegam aquela multidão de barcos, madeira, pau, essas coisa assim. Nós tinha tanto porco aqui! Teve um dia que eu fui, peguei um carrinho de mão, aí fui né! E foi engraçado. Eu peguei aquelas sete criancinhas, sete não, seis, sete foi a da outra mulher. Seis crianças, tudo pequenininha, aí pegamos o carrinho, atravessamos a pista e fomo lá pro restaurante, né! Aí tô lá, né! Abrindo os sacos, tirando, ti-

rando comida e botando dentro do carrinho. Aí chega um homem, aí meteu a mão no bolso, aí tirou o dinheiro e me entregou. Aí eu disse assim:

– Ué, porque que você tá me dando esse dinheiro?

– Porque você tá juntando esse lixo aqui, olha esse tanto de criança, esse lixo é pras criança?”

Eu digo:

– Não senhor.

Digo:

– Não é não, esse lixo é pros meus porcos.

Porque eu tinha porco e muita galinha para cria.

A dramatização do relato de Dona Antônia, que foi uma barbeira entrevistada por nós na Vila Planalto, foi feita por outro grupo e ocorreu da seguinte maneira: Fabrício foi fazer a barba, mas quando se deparou com uma barbeira, ele se recusou a se

barbear com ela, alegando que isso não era trabalho para mulher. Ele então disse que se não achasse um barbeiro, talvez voltasse lá. Porém, mudou de ideia depois de se encontrar com um amigo na rua, que disse a ele que Dona Antônia era a melhor barbeira da cidade. Aí, ele retorna à barbearia para se desculpar com ela e fazer a sua barba.

Em todas essas situações, há sempre

uma questão de diálogo, de negociação de conflitos e de convencimento próprio, que é um processo que não se prevê. Por mais que a gente tenha planejado o que seria essa oficina, para que seus participantes pudessem perceber a nossa proposta de trabalho, alguma coisa saiu além do que nós esperávamos.

Oralidades e visualidades, então, puderam ser transformadas pela experiência e interpretação de quem dramatizou as narrativas propostas. A imagem e a oralidade não foram simulacros sem vida, mas instituíram significados que puderam ser reconstruídos em seus excessos de significação, deixando-nos um legado em aberto. Algo sempre restará para ser interpretado no futuro, segundo Benjamin. (MAGALHÃES, 2004: 93)

Tal experiência implica, então, num exercício que faz mudar o nosso ponto de vista e, com isso, construir uma outra visão da nossa sociedade e dos sujeitos que a constituem. Isto se acontece num “movimento que nos leva para fora do nosso próprio mundo, mas que acaba por nos trazer mais para dentro dele”, e de modo mais profundo, modificados por essa própria experiência de interpretação. (DA MATTA, 1987:153, Apud MAGALHÃES & LITWINCZICK, 2000:21)

Porque um de nossos princípios metodológicos é o de termos que admitir, na prática, que o imprevisível faz parte da vida. Tal princípio torna qualquer processo de trabalho mais difícil, sendo mais complexo quando as escolhas, em negociação, também são internas e externas a cada um dos outros, além de serem nossas. Poderíamos ter usado com esses participantes um roteiro prévio, no caso, com algumas noções e conceitos de identidade, tais como os de Hall (1998) e os do livro de Silva (2000), que teriam que ser seguidos e ou recheados com as experiências dos diferentes grupos dessa oficina.

Não foi esta a nossa opção. Essas noções e conceitos foram pontos de chegada, em aberto, daqueles que se experimentaram nas atividades dessa oficina, e não somente pontos de partida da equipe desse projeto.

Ainda que quiséssemos obter um produto final deste trabalho, realizado com moradores Kalungas, estudantes graduandos e pós-graduandos da UnB, nós não conseguiríamos, pois o relato é uma dinâmica ilimitada. O próprio historiador Benjamin afirma que há “legados da grande tradição narrativa” (1987:10). Com isso, percebemos uma constante “reconstrução” de experiências comunicáveis entre tradição e modernidade. Daí a razão do não limitado, do não acabado.

As tradições permanecem quando elas se modificam. Mesmo quando as pessoas querem impor algo cristalizado, as outras gerações não as experimentam do mesmo modo, necessariamente. É desse diálogo de confronto e de consenso que saem essas escolhas e negociações. Durante o planejamento dessa oficina e em seu desenrolar, o tempo todo se fez isso, mesmo que não se tivesse percebido. Como em qualquer outra atividade na vida, nessa oficina, foram matérias de decisão e de entendimento entre partes os seguintes

aspectos: a autonomia de participar ou não da mesma, a estratégia de decidir no diálogo a quem se ia jogar o bastão, as alternativas de encenar um tema e compor um personagem, entre outras.

No debate final, à pergunta lançada em geral: “Vocês acham que só existe uma identidade dos Kalungas?” Elias responde:

– *Não, porque existem diversas. Porque identidade quer dizer uma e identidades são mais. Então, na cultura lá, a gente não segue uma coisa só, a gente segue os dois lados.*

Oralidades e visualidades, então, puderam ser transformadas pela experiência e interpretação de quem dramatizou as narrativas propostas. A imagem e a oralidade não foram simulacros sem vida, instituíram significados que puderam ser reconstruídos em seus excessos de significação e nos deixaram um legado em aberto. Algo sempre restará para ser interpretado no futuro, como nos lembra Benjamin (MAGALHÃES, 2004:93).

Um movimento que nos leva a repensar o que o diferente nos provoca: “que vocês aprendam um pouquinho da gente e a gente um pouquinho de vocês, esse foi o nosso interesse e a nossa escolha”. (Dalila Reis Martins, moradora Kalunga, 2008)

Notas

¹ Fala de Dalila Reis Martins, moradora Kalunga, (2008).

² Fizeram parte da equipe desta oficina, sob a coordenação da professora Nancy Alesio Magalhães: como colaboradoras, as professoras Cecília de Almeida Borges e Roberta Kumasaka Matsumoto; como monitoras as bolsistas de extensão, Mariana Souza Silva, Dayane Augusta dos Santos Silva e Edymara Diniz Costa; como apoio técnico na gravação com câmera digital, Luana Mechica Miguel Bellino.

³ Em geral, a comunidade remanescente quilombola Kalunga se localiza nos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre, em Goiás. No caso dos participantes dessa oficina, esses 11 jovens são moradores do povoado Engenho 2, em Cavalcante, a cerca de 330 quilômetros de Brasília e a 600 de Goiânia. Seu deslocamento foi viabilizado pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília.

⁴ Até o momento, participaram desta pesquisa os alunos de graduação da UnB: Ester de Souza Oliveira (2006-2007), Israel Lucas de Carvalho(2006), Mariana Souza Silva (em 2008), Dayane Augusta dos Santos Silva e Edymara Diniz Costa (ambas em 2008-2009), como bolsistas de extensão (DEX). Como bolsista de iniciação científica voluntária (Pibic), Cândida Carolina de Andrade e Silva (08/2004 a 06/2005). Os materiais aqui tratados fizeram parte de uma exposição fotográfica, com outros também resultantes dessa pesquisa, na UnB, em 2006/2007, intitulada "Memórias: estudantes angolanos (as) na Universidade de Brasília", difundida na VI Semana de Extensão/UnB. No acervo do Necoim_Ceam/UnB, estão arquivados termos de cessão de direitos, assinados por cada um(a) desses(as) entrevistados(as), autorizando a Nancy Alessio Magalhães, nominalmente, como pesquisadora, para usar suas falas e imagens (inclusive fotografias) dos(as) mesmos(as) em publicações, com seus nomes próprios.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov" in BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, respectivamente, p. 197-221.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia. Construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

DA MATTA, R. O trabalho de campo como um rito de passagem, in *Relativizando*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. P. 150-173.

MATOS, Olgária. A narrativa: metáfora e liberdade. In *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, n. 04, junho de 2001, p. 9-24, também publicado no livro de COSTA, Cleria Botelho da, MAGALHÃES, Nancy Alessio et alii (orgs.). *Contar história, fazer História—História, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15/PPGHIS-UnB, 2001, p. 12-28.

MAGALHÃES, Nancy Alessio e SINOTI, Marta L. (orgs.) *Memórias e direitos: moradas e abrigos em Brasília*. Brasília: Necoim-Ceam/DEX/UnB e SC-DePHA-GDF, 2001.

MAGALHÃES, Nancy Alessio e Litwinczk, Virginia. Vozes vivas ou congeladas? Tramas de lutas na história oral. In MAGALHÃES, Nancy Alessio. (org.) *Cadernos Necoim-Ceam*. n. 2 – *Tramas, espelhos e poderes na memória*. UnB, Brasília, 2000.

MAGALHÃES, Nancy Alessio "Narradores: vozes e poderes de pensadores" in COSTA, Cléria Botelho da e MAGALHÃES, Nancy Alessio (orgs.). *Contar história, fazer história – História, Cultura e Memória*. Brasília: PPGHIS/UnB e Paralelo 15, 2001, p. 85-107.

MAGALHÃES, Nancy Alessio MATSUMOTO, Roberta K. e Nunes, José Walter. Memória e História Oral: esquecimento e lembrança no movimento de identidades in BARBATO, Silviane e MATSUMOTO, Roberta K (orgs) *Cadernos do Ceam-Necoim*, Ano IV – n. 15 – *Oralidade e outras linguagens*. UnB/Brasília, 2004.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Memórias de estudantes de Angola no Brasil in *Cadernos CERU*, São Paulo: Série 2, vol. 19, n. 1, junho de 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In *Estudos Históricos*, RJ, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000.

Nancy Alessio Magalhães é professora doutora em História e vinculada ao Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória do Centro-Oeste- Universidade de Brasília, necoim2@gmail.com

Dayane Augusta dos Santos Silva é graduanda em História na Universidade de Brasília e bolsista de extensão, daygusta@gmail.com

Edymara Diniz Costa é graduanda em Artes Cênicas na UnB e bolsista de extensão, dymaradiniz@gmail.com